

Biografia Preta

Documento Educacional para Apoio ao Professor

Documento educacional - Irmandade da Boa Morte

Gerado em: 14/04/2026, 23:32:31 | Versão pipeline: 1

BLOCO 1 — Quem foi a Irmandade da Boa Morte

Imagine fundar um fundo de investimento, uma rede de apoio social e uma sociedade de auxílio mútuo, tudo ao mesmo tempo. Agora imagine fazer isso sendo uma mulher negra, escravizada ou recém-liberta, no Brasil do início do século XIX, um sistema projetado para aniquilar qualquer vestígio da sua humanidade. Isso foi o que fez a Irmandade da Nossa Senhora da Boa Morte. Não se trata de uma única mulher, mas de uma coletividade de mulheres africanas, principalmente de origem Jeje e Ketu, que se organizaram em um dos atos mais sofisticados de resistência da história brasileira.

A Irmandade, surgida por volta de 1820 em Salvador, Bahia, não era apenas uma confraria religiosa. Era uma estratégia de sobrevivência e libertação. Em um tempo e lugar onde ser negro significava ter o corpo tratado como propriedade, a fé proibida e a morte desprovida de dignidade, essas mulheres se uniram sob o manto do catolicismo para um propósito radical: comprar a liberdade umas das outras e garantir um enterro digno para sua gente — a "boa morte" que o sistema lhes negava. Elas usaram a devoção a uma santa católica como escudo para preservar seus ritos ancestrais e, mais importante, para financiar a emancipação coletiva.

Ao contrário de heróis individuais ou líderes militares, a força da Irmandade estava na sororidade, na cooperação econômica e na inteligência estratégica. Elas eram as "negras do Partido Alto", mulheres que, através do comércio de rua como "tabuleiras", acumularam capital não para o luxo individual, mas para desmantelar a escravidão de dentro para fora, uma carta de alforria de cada vez. A história delas não é de vitimização, mas de agência. Elas não esperaram pela abolição; elas a construíram com as próprias mãos.

Sua história nos obriga a repensar o que definimos como resistência e poder. Como um grupo de mulheres, sistematicamente despojadas de direitos, conseguiu criar uma das mais antigas e duradouras organizações feministas e antirracistas das Américas?

BLOCO 2 — Contexto histórico

No início do século XIX, a Bahia era o coração pulsante da economia escravocrata brasileira. O Recôncavo Baiano, com suas vastas plantações de cana-de-açúcar e fumo, dependia inteiramente do trabalho forçado de milhares de africanos e seus descendentes. Cachoeira, para onde a Irmandade se mudaria, era a segunda cidade mais importante da província, um centro comercial movido pela mão de obra escravizada. Nesse cenário, a violência era a norma, e a vida de uma pessoa negra valia o que ela podia produzir para seu senhor.

Para a população negra, esse período foi marcado por uma opressão brutal e multifacetada. Além da exploração física do trabalho, havia uma guerra cultural em curso. Cultos religiosos africanos eram proibidos e violentamente reprimidos. As autoridades, como o general português Madeira de Melo em Salvador, perseguiram ativamente as confrarias negras, vistas como focos de insubordinação. Até o direito a um funeral digno, um rito fundamental em muitas culturas africanas, era negado.

É nesse mundo de proibições e perseguições que o sincretismo religioso floresce não como uma confusão teológica, mas como uma tática de resistência. Ao associar seus Orixás a santos católicos e ao se organizarem em irmandades sob a proteção da Igreja, os africanos e afro-brasileiros criaram espaços seguros para preservar sua identidade, sua fé e suas redes de solidariedade. A Irmandade da Boa Morte é o exemplo mais potente dessa estratégia: usar as ferramentas do opressor para construir um caminho para a liberdade.

BLOCO 3 — Contribuições em detalhe

A trajetória da Irmandade da Boa Morte é uma aula sobre como a organização coletiva pode subverter estruturas de poder. Suas contribuições não foram atos isolados, mas parte de um projeto contínuo de liberdade.

Fundação em Salvador e o Sincretismo como Arma (c. 1820)

A Irmandade nasceu nos fundos da Igreja da Barroquinha, um conhecido ponto de encontro de confrarias negras em Salvador. Ali, mulheres de origem Jeje e Ketu, muitas delas sacerdotisas em suas terras de origem, começaram a se reunir. Oficialmente, elas cultivavam a devoção a Nossa Senhora. Na prática, elas usavam o espaço da igreja para dar continuidade aos seus cultos aos Orixás. Essa "dupla pertença" religiosa não era uma rendição ao catolicismo, mas uma apropriação estratégica de seus símbolos e espaços para garantir a sobrevivência cultural e espiritual de seu povo. Dentro de um sistema que visava apagar sua identidade, elas a mantiveram viva em plena vista.

A Migração Estratégica para Cachoeira (c. 1840)

A crescente perseguição em Salvador forçou a dispersão do grupo. A decisão de migrar para Cachoeira não foi aleatória. A cidade, próspera pelo comércio de fumo e açúcar, oferecia oportunidades econômicas para as "mulheres tabuleiras". Ao se estabelecerem em Cachoeira, elas não estavam apenas fugindo; estavam se reposicionando em um local onde poderiam gerar mais recursos para seu objetivo principal: a compra de alforrias. A mudança foi uma decisão de negócios com um propósito libertário, mostrando uma notável capacidade de planejamento estratégico.

A Economia da Liberdade: Compra de Alforrias e Solidariedade (Século XIX)

Esta é talvez a contribuição mais revolucionária da Irmandade. Através de seu trabalho no comércio, essas mulheres criaram um fundo coletivo. Com o dinheiro arrecadado, elas compravam sistematicamente cartas de alforria para outras mulheres escravizadas, priorizando as mais velhas. Era um sistema de seguridade social e emancipação, administrado exclusivamente por mulheres negras, em uma sociedade patriarcal e escravocrata. Além das alforrias, elas organizavam fugas, protegiam quilombolas e, crucialmente, garantiam funerais dignos, cumprindo a promessa de uma "boa morte" para aqueles a quem o sistema só oferecia uma vida de sofrimento. Essa ação organizada é considerada por muitos historiadores o primeiro movimento feminista negro das Américas.

Sobrevivência e Memória Viva (Século XX e XXI)

O fato de a Irmandade existir até hoje é, em si, uma de suas maiores contribuições. Ao longo dos séculos, elas resistiram à perseguição policial, à demolição de suas igrejas e ao apagamento histórico. A Festa da Boa Morte, realizada anualmente em agosto, não é apenas um evento folclórico; é a reafirmação de um compromisso de mais de 200 anos. Hoje, com sua missão social voltada também para a educação, a Irmandade continua a ser um "documento vivo", um testemunho da resiliência, da fé e da capacidade de organização das mulheres negras no Brasil.

BLOCO 4 — Por que isso importa hoje

A história da Irmandade da Boa Morte ressoa diretamente nos debates mais urgentes do Brasil contemporâneo. A luta delas contra a desumanização e pelo direito de existir com dignidade é a mesma luta travada hoje por movimentos negros contra a violência policial e o racismo estrutural. O empreendedorismo coletivo que financiou alforrias no século XIX espelha as iniciativas atuais de *black money* e de fomento à economia criativa nas periferias, que buscam a autonomia econômica como ferramenta de libertação.

O sincretismo da Irmandade, uma vez uma estratégia de sobrevivência, nos lembra da contínua batalha pela liberdade religiosa e contra a intolerância que ataca terreiros de Candomblé e Umbanda em todo o país. O protagonismo feminino e a sororidade que definiam a organização são a raiz histórica do feminismo negro brasileiro, que hoje articula a luta contra o racismo e o machismo de forma interseccional. Estudar a Irmandade é entender que as pautas atuais não surgiram do nada; elas são a continuação de uma luta secular.

Aplicação pedagógica

* Referência legal: O estudo da Irmandade da Boa Morte é uma forma exemplar de cumprir a Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. A trajetória delas ilustra temas como resistência, sincretismo religioso e protagonismo negro.

* Disciplinas:

* História: Para analisar formas organizadas de resistência à escravidão que vão além da fuga e do quilombo.

- * Sociologia/Filosofia: Para discutir conceitos de feminismo negro, interseccionalidade, agência e poder em contextos de opressão.
- * Artes: Para estudar o sincretismo presente na estética da Festa da Boa Morte (vestimentas, joias, rituais) e sua simbologia.
- * Língua Portuguesa/Literatura: Para trabalhar com a tradição oral como fonte de conhecimento histórico e cultural.
- * Faixa etária recomendada: 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio. A complexidade dos conceitos de sincretismo religioso, racismo estrutural e organização socioeconômica é mais bem aproveitada por alunos com maior maturidade e capacidade de abstração.
- * Sugestão de atividade: Propor que os alunos, em grupos, criem um "mapa de estratégias" da Irmandade. De um lado, listam os problemas enfrentados (ex: perseguição religiosa, escravidão, falta de recursos). Do outro, as soluções criadas por elas (ex: sincretismo, migração estratégica, fundo coletivo para alforrias). O objetivo é focar na agência e na capacidade de resolução de problemas do grupo, e não em sua vitimização.
- * Pergunta geradora: A Irmandade usou o catolicismo apenas como um "disfarce" para suas práticas africanas, ou o que elas criaram foi algo completamente novo e autêntico? O que essa estratégia nos ensina sobre as formas de exercer poder quando se está em uma posição de desvantagem?

BLOCO 5 — Para ir mais fundo

Documentários:

- * Título: The inspiring story of the Brotherhood of the Good Death
- * Direção: Não especificada (produção BBC)
- * Ano: 2020
- * Onde acessar: YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=SR9Nw3-7tq0>)

Artigos em acesso aberto:

- * Autor: Fabiola Santos Luis
- * Título: Irmandade da Boa Morte: Mulher negra, memória, identidade e resistência no Recôncavo da Bahia
- * Publicação: Anais do II Colóquio Cultura e Política no Recôncavo da Bahia (UESC)
- * URL: <https://www.uesc.br/eventos/culturaepolitica/anais/fabioluis.pdf>
- * Autor: Luzia
- * Título: Senhoras do Cajado: Um estudo sobre a Irmandade da Boa Morte de São Gonçalo dos Campos
- * Publicação: Repositório da Universidade Federal da Bahia (UFBA)
- * URL: https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/6_senhoras_do_cajado_um_estudo_sobre_a_irm_ade_da_boa_morte_de_sao_goncalo_dos_campos.pdf

Fontes em plataformas digitais:

- * Acervo: Geledés Instituto da Mulher Negra
- * URL: <https://www.geledes.org.br/irmandade-da-boa-morte-2/>
- * Acervo: Google Arts & Culture
- * URL: https://artsandculture.google.com/story/irmandade-da-boa-morte/NgXBcJW6V_QgIlg?hl=pt-BR
- * Acervo: Biblioteca Virtual Consuelo Pondé (Governo da Bahia)
- * URL: <http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/2024/08/12/a-irmandade-da-nossa-senhora-da-boa-morte-uma-celebracao-da-luta-da-diaspora-negra-no-brasil/>

BLOCO 6 — Notas do pesquisador

- * Nível de confiança geral: MÉDIO. A pesquisa se baseia em um conjunto sólido de fontes acadêmicas e institucionais, mas a natureza oral de grande parte da história da Irmandade implica em imprecisões em datas e números.
- * Lacunas documentais: Existem incertezas sobre a data exata de fundação (variando entre c.1810

e c.1820). O número exato de alforrias compradas pela Irmandade é desconhecido, pois muitos registros foram perdidos ou nunca existiram formalmente. A lista completa das fundadoras originais também se perdeu, sendo preservados apenas alguns nomes pela tradição oral.

* Natureza da escassez de fontes: APAGAMENTO HISTÓRICO. A falta de documentos escritos não é acidental. Ela é resultado direto de um processo histórico de racismo e exclusão. A perseguição a organizações negras, como a que levou à migração de Salvador para Cachoeira, e a destruição de arquivos (como o incêndio na Igreja da Barroquinha) são evidências de uma tentativa sistemática de apagar essa história.

* Controvérsias historiográficas: A principal divergência nas fontes está nas datas específicas, como a da fundação (c. 1820) e a da migração para Cachoeira (c. 1840). Essas variações decorrem da dependência da tradição oral, que prioriza o significado dos eventos em detrimento da precisão cronológica.

* Observações para uso pedagógico: É fundamental que o professor não trate as lacunas documentais como uma "falha" da história da Irmandade, mas como uma evidência do apagamento histórico que elas sofreram. A incerteza sobre as datas pode ser um excelente ponto de partida para discutir com os alunos como a história é construída, quem a escreve e por que a tradição oral é uma fonte histórica legítima e vital para o conhecimento da trajetória de grupos sistematicamente silenciados.

Documento produzido pela Equipe Biografia Preta com base em pesquisa verificada.

Nível de confiança da pesquisa: MÉDIO

Data de produção: 25 de maio de 2024

Versão: 1.0

Mensagem da Biografia Preta

Aprofunde sua aula com as biografias e jogos da Biografia Preta.

Documento produzido pela Equipe Biografia Preta com base em pesquisa verificada.

Contato: contato@biografiapreta.com.br

Links: <https://biografiapreta.com.br>